jornal da tarde id

IMPOSTO

Em Minas, cidades que investem em educação e saúde têm mais repasse de ICMS. Como Passabem, onde vive Maria Marta (foto) Páginas 4D e 5D





ENTREVISTA

Clara Moreno (foto) é uma voz nova na MPB. Filha de Joyce, ela tem uma proposta bem diferente da que consagrou a mãe. E ousa bem mais Página 6D

O RESGATE DA AMEAÇADA CULTURA DOS CAIÇARAS

PRESSIONADOS PELA ESPECULAÇÃO IMOBILIÁRIA E POR UMA IMPLACÁVEL LEGISLAÇÃO AMBIENTAL, OS CAIÇARAS DO LITORAL NORTE TÊM CADA VEZ MENOS CHANCES DE PRATICAR SUA ARTE DE SUBSISTÊNCIA. MAS HOJE UMA ORGANIZAÇÃO LUTA PARA ALTERAR ESSA SITUAÇÃO

Camila Garcia, especial para o JT

Fotos: Heitor Hui/AE

oisés de Souza, 34 anos, e Geovani de Oliveira, 31, são caiçaras nascidos e criados em São Sebastião. Nunca colocaram os pés em São Paulo. Em compensação, já estiveram em Paris e foram tratados como personalidades em Brest, no Sul da França, durante o Festival Mundial de Embarcações e Marinheiros, em julho.

Moisés e Geovani, mestres canoeiros, foram ensinar para os franceses com quantos paus se faz uma canoa. A viagem dos dois foi uma das atividades realizadas pela ONG (Organização Não-Governamental) São Sebastião Tem Alma, criada há sete anos com o objetivo de resgatar e preservar a cultura caiçara. "Muitas entidades ambientalistas defendem árvores ou o mico-leão dourado", diz Teresa Aguiar, diretora da organização. "A preservação do homem e sua cultura litorânea foram completamente esquecidas.'

O projeto começou quase como uma aventura de Teresa e sua amiga Ariane Porto. A empreitada deveria durar dois anos, mas as atividades da ONG foram aumentando e os beneficios alcançados passaram a ser vitais para os pescadores, artesãos e lavradores locais. Hoje, a atuação da ONG já se estende por toda a Costa Sul e Norte, incluindo as ilhas Vitória, Búzios, Montão de Trigo e Ilhabela.

Arte da canoa

DE PAI PARA FILHO

"O homem caiçara sempre soube lidar com o mar e a mata", explica Ariane. No entanto, a população local enfrenta hoje um sério problema: ela vem sendo confundida com os predadores ambientais. Encurralados pela especulação imobiliária, pelo turismo desenfreado e por uma rigorosa e às vezes injusta legislação ambiental, os habitantes nativos foram obrigados a abandonar suas tarefas de subsistência.

Como é proibido cortar qualquer árvore da Mata Atlântica, falta matéria-prima para a construção das canoas. Tentando atenuar o efeito das diversas proibições, o Projeto São Sebastião Tem Alma implantou reservas extrativistas no litoral. Os moradores podem tirar o material necessário de reservas próprias. Em 91, foram plantadas mais de 100 mudas de guapurubu, a árvore utilizada na construção das embarcações. "A árvore cresce rápido e tem vida curta", ensina Moisés de

A canoa é um dos maiores símbolos da cultura caiçara. Devido às restrições da legislação, a arte de construi-las quase desapareceu. O Projeto trabalha para que essa arte seja valorizada e divulgada. "Nas festas que realizamos as pessoas podem ver de perto como se faz uma canoa", lembra Yara de Moraes Pinder, cantora e coordenadora dos projetos. Uma canoa de pequeno porte custa R\$ 800,00 e fica pronta em 10 dias.



Aula de artesanato de taboa em uma escola da Enseada: produção de tapetes, esteiras e redes



Os mestres canoeiros Geovani e Moisés: sucesso na França



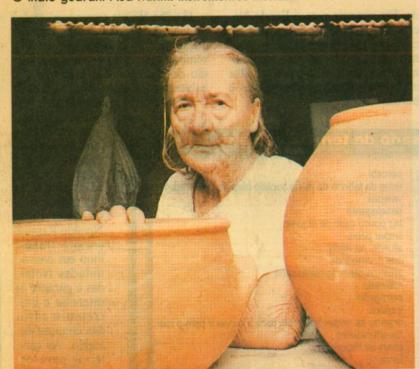
Artesanato em caxeta de Luzia Marques: material nas escolas

A última etapa do trabalho é passar óleo de linhaça para proteger a peça. Esta arte vem passando de pai para filho. O mestre Moisés aprendeu o ofício aos dez anos de idade. "Tenho três filhos e eles já me ajudam a fazer canoa", conta.

Um dos primeiros projetos da ONG foi a Escola de Artesanato, criada em 90. Ao longo da Costa Sul e Norte do município de São Sebastião, são dadas aulas dentro das próprias escolas municipais. O artesanato com taboa (grande erva aquática cuja folha serve para tecer), caxeta (espécie de madeira clara, ligeiramente rosada, que de tão maleavel é excelente para artesanato), ou barro tornou-se disciplina das mais concorridas en-



O índio guarani Auá Mirim: instrumentos musicais



Dona Adélia: brigas com o "Japonês" pela extração do barro

tre as matérias do currículo. "Os alunos aprendem rápido e, em menos de um mês, já estão produzindo tapetes, esteiras e redes", diz, entusiasmada, a professora de artesanato com taboa do bairro da Enseada, Nilza de Oliveira Souza. "É melhor do que brincar de boneca ou jogar videogame", fala a estudante Tainara de Souza Silva,

de nove anos.

A artesã da praia de Camburi Luzia Marques trabalha com artesanato em caxeta há mais de 20 anos. Há seis anos no Projeto, ela ensina sua arte e também repassa para algumas escolas da costa material semipronto para as crianças pintarem. "Foi só a partir destas atividades que o pessoal redescobriu a arte em caxeta", conta.

"Antigamente todos faziam louça", comenta amargurada dona Adélia Barsotti, 77 anos. Ela é uma das últimas representantes da arte em cerâmica da região. Transformar a terra em utensílios para o cotidiano tor-nou-se tarefa difícil, já que o barro é escasso e só é encontrado em propriedades particulares. A técnica é uma mistura de métodos indígenas com a cerâmica popular européia trazida pelos primeiros colonizadores. O processo integral para a confecção de uma panela ou vaso de barro é de uma semana e cada peça custa em média R\$ 20,00. D. Adélia dá aulas e também participa de diversos eventos no Projeto. Ela só perde o bom-humor quando o "Japonês" — proprietário do terreno onde a artesã recolhe o barro se recusa a doá-lo ou mesmo a

Tupi-guarani ALUNOS MIRINS

A ONG tem seu programa de índio. A arte, as danças e as festas indígenas da Aldeia do Rio Silveira são incentivadas e divulgadas. "Eles ainda não sabem se comunicar direito com o homem branco", argumenta Yara. "Por isso, faço uma ponte entre os dois." O Projeto promove exposições em São Sebastião para que os turistas conheçam e apreciem os primeiros habitantes do Brasil. "Eles colaboram fornecendo um professor para ensinar tupi-guarani às crianças da escola municipal de Boracéia", completa Yara.

O indio guarani Auá Mirim é mestre de artesanato no Rio Silveira. Confecciona desde chapéus até instrumentos musicais típicos. Ele se preocupa com o destino das 53 famílias espalhadas por 948,4 hectares, constantemente ameaçadas pelo perigo de desapropriação. "A mata é a alma do índio", defendem-se, em coro os índiso de Rio Silvei-

As Escolas de Artesanato têm 1200 alunos — crianças e adolescentes do primeiro grau e adultos que frequentam as aulas de Tec-nologia Caiçara. Sempre visando ampliar as atividades, o Projeto já tem planos para 97. Melhorar a política pesqueira é um dos objetivos. "O mar é local de trabalho do caiçara", enfatiza Ariane. A prefeitura já liberou um terreno para a construção do entreposto de pesca da região. Outra idéia é aproveitar os me-

ses de verão, quando as praias são invadidas por milhares de turistas, para lançar o Projeto Caiçara Mostra a Tua Cara. "A intenção é montar uma tenda para que o turista conheça o caiçara sem maquiagem", antecipa Teresa Aguiar. "Só dependemos do apoio na nova prefeitura". Atualmente, todas as despesas do Projeto são pagas por Teresa e Ariane, inclusive o aluguel da sede.

> Leia mais sobre os caiçaras na página seguinte

MÚSICAE DANÇA: AS ARMAS DA RESISTÊNCIA

AS MANIFESTAÇÕES FOLCLÓRICAS EM SÃO SEBASTIÃO, RESGATADAS DO ESQUECIMENTO, AJUDAM A COMUNIDADE A PRESERVAR SUA IDENTIDADE

ara despertar o sentido de auto-preservação cultural na comunidade, o Projeto São Sebastião Tem Alma procurajincentivar a mais importante manifestação popular da região — as festas folclóriças. "Um dos nossos maiores objetivos é criar um sistema de comunicação entre as comunidades litorâneas para a divulgação de todo o potencial dessas regiões e também mostrar a necessidade de se preservar o ecossistema por meio da manutenção da cultura dos Povos do Mar", explica Teresa Aguiar, uma das fundadoras da ONG.

A Festa da Congada de São Benedito não saía às ruas há 29 anos. Com o apoio da Prefeitura de São Sebastião, o pessoal do projeto se reuniu com Tiago Fortunato — velho pescador do bairro de São Francisco para resgatar as canções e redescobrir os instrumentos originalmente usados na fes-"Eu varava as noites relembrando os detalhes", conta o pescador. "Conseguimos refazer a marimba, um instrumento raro e de extrema importância dentro do nosso folclore."

A festa é formada por um grupo de 40 pessoas. As fantasias imitam uma corte: desde o rei até os vassalos. Com patrocínio da prefeitura, as roupas foram confeccionadas pelas mulheres do Projeto. O grupo já ganhou tradição e tem se apresentado por todo o Litoral Norte e Vale do Paraíba.

Outra festa tradicional que não se realizava há mais de 20 anos é a Folia do Divino Espírito Santo. Com uma maozinha do São Sebastião Tem Alma, a festa, que acontece no mês de maio, já se incorporou novamente às tradições locais.

Os "causos" – contos e prosas típicos dos habitantes das regiões litorâneas também não foram esquecidos. Sob a direção de Ariane Porto — que também é atriz — o grupo de teatro da cidade montou em 92 o espetáculo Arrelá. O sucesso foi tanto que o show itinerante perambulou por diversos locais até o começo deste ano. Em Cuba, o Arrelá participou do Festival Internacional de Teatro de Rua.

Para que a riqueza musical da região não se perca, o Projeto organizou uma pesquisa das variações rítmicas e de identificação dos instrumentos utilizados por toda a Costa Sul. Uma das metas para o próximo ano é gravar um disco com as músicas regionais coletadas durante es-

> **PESQUISADORAS** REUNIRAM OS CANTADORES DE JUQUEÍ, QUE NÃO TOCAVAM HÁ 16 ANOS

sa pesquisa. A regente Andréa Drigo e a cantora Yara de Moraes, responsáveis pelo trabalho, registraram e pas-saram para a partitura mais de 30 músicas tradicionais que estavam perdidas em algum canto da memória dos caiçaras mais antigos.

As pesquisadoras também conseguiram reunir novamente os Cantadores de Juquei. O grupo não tocava junto há 16 anos, após a morte de três de seus integrantes. A idade média dos Cantadores é 80 anos. Benedito José dos Santos, 87 anos de vida e 75 de viola, toca de vez em quando. "É dificil a gente se reunir", explica. "O pessoal do Projeto ajudou a devolver os Cantadores ao povo.'

Além da música, a culinária caicara não foi esquecida. Mensalmente o Projeto organiza jantares com comidas típicas. Os pescadores fornecem os melhores peixes e voluntários cozinham para mais de 20 pessoas. "É uma delicia participar dos janta-res", revela Yara. "Essa é uma maneira de divulgar a culinária deles.'

Além deste processo de conscientização e revalorização cultural, a ONG busca a inserção efetiva das atividades tradicionais caiçaras no mercado econômico regional. "Acreditamos que essa é uma condição indispensável para que essa cultura possa sobreviver", afirma Teresa Aguiar.

Desde agosto de 93 o Projeto Cultural São Sebastião Tem Alma elaborava um jornal mensal. No jornal Povos do Mar eram divulgados os problemas e as realizações do povo caiçara no âmbito nacional e por vezes internacional. Os 5 mil exemplares eram distribuídos via maladireta para todo o Brasil. Por falta de verbas, há seis meses o Povos do Mar parou de circular. "É uma pena, porque recebemos cartas do Brasil inteiro pedindo para o jornal voltar", lamenta Ariane.

O mesmo fim teve o Memória Caiçara — São Sebas-tião Tem Alma, um livro organizado por Teresa e Ariane há um ano. Orfão de patrocinadores, o livro está engavetado.

Em parceria com o Fundo Nacional do Meio Ambiente, o Projeto também produz vídeos, documentários e o programa Povos do Mar, que vai ao ar semanalmente pela Rádio Costa Azul AM de Uba-

O Projeto conta com um acervo em vídeo e fotos das entrevistas que a equipe fez desde os primeiros tempos da entidade e a única hemeroteca da região. Disponível para consultas de estudantes e interessados, o acervo é formado de recortes de jornal e revistas catalogadas com assuntos referentes ao meio ambiente e, é claro, à cultura caiçara.



Benedito dos Santos, 87 anos, dos Cantadores de Juqueí: de volta à ativa



O pescador Tiago Fortunato: noites em claro relembrando canções da Congada

Médicos e dentistas atendem os moradores das lihas distantes

Se o trabalho feito pelo PSSTA na região costeira já é difícil em função das condições geográficas e climáticas, imagine longe do continente. Para atender às comunidades isoladas das ilhas, foram lançados em 91 o SOS Educação e o SOS

Saúde. Uma vez por mês. uma equipe voluntária composta por três médicos, dois dentistas e duas enfermeiras visita as ilhas. Além de tratar das eventuais doenças, procuram formar agentes de saúde dentro da própria comu-

nidade. Em Montão de Trigo, o SOS Educação conseguiu reabrir a escola local e contratar um professor da comunidade para alfabetizar as 15 crianças moradoras da ilha. Na ilha de Búzios as crianças recebem merenda. Em parceria com o Fundo Nacional do Meio Ambiente, em 95 foi criado o Projeto Ilhéu Caicara. Durante um ano, três técnicos especializados permaneceram nas ilhas para implantar o cultivo de mexilhões e

Já a ilha Vitória estava sem escola há mais de dez anos. Com a introdução do SOS Educação e um convênio com a USP, foi feito um mutirão de alfabetização. A ilha de 60 habitantes é a mais pobre de todas. O acesso é turbulento. A faita de luz

> e água contribui para o total isolamento da população. Com o apoio financeiro do projeto, a ilha ganhou um professor fixo. Nivaldo Ramos sempre trabalhou em comunidades isoladas e garante o interesse e entretenimento das crianças da região. As carteiras para os alunos faziam parte de um esquecido cenário do teatro que Teresa e Ariane mantêm em Campinas. "Ficaram lá durante meses, então resolvemos dar

> > um fim melhor a elas", diz

Ariane.

Glossário de termos caiçaras

deselegante limpar peixe afundei na água mal acomodada resfriado

Escangalhado Esperar o jazido Lampreira Apoitou **Embicou** Madorna

Aprecatei

Baticui Rumpança

Jabeboa

Atafulhei

Avisteiro

Defluxo

Acatruzada

Escarninha

Consertar peixe

Cóvo Galhofa Argitosa Emproada Basqueiro Sobejou Embelequeira

Sustância

resto da farinha de milho socado (depois de torrado) valentia faz pouco caso de alguém enxerga além do necessário estragado

trapaça esperar as ondas baixarem para a canoa ir para o mar (oportunidade) cheia de historinhas fundeou

sono leve tem vitamina espécie de gaiola que se coloca no fundo do mar para apanhar os peixes

colocou a proa da canoa em algum lugar

pouco caso engraçada muito prosa

sobrou aquela que inventa moda

fofoqueira